

## Velhas Trocas, Novos Contextos

---

*What fury hostile to humankind  
First led from Nature's path the female mind,  
Her innocent sense by... fashion's law repressed,  
And so a babe denied its mother's breast?\**

— Luigi Tansillo, do poema “La Balia”, traduzido por  
William Roscoe para o inglês em 1798

Através de toda a história humana, e muito antes, as mães têm realizado trocas entre qualidade e quantidade, administrando o esforço reprodutivo de acordo com a sua própria fase da vida, seu estado de saúde e as circunstâncias correntes. Por isso a infância nem sempre foi o quadro caloroso, seguro nos braços do amor, imaginado por muitos de nós. Era, pelo contrário, um perigoso gargalo por onde tinha que passar cada contribuinte individual para o *pool* genético humano. Os arquivos históricos fornecem ampla documentação sobre quão apertado era, por vezes, esse gargalo.

De 21 mil nascimentos registrados em Paris em 1780, somente 5% deles foram amamentados por suas próprias mães. É uma estatística fascinante que passou a caracterizar uma era, o “ápogeu da ama-de-leite” na França.<sup>1</sup> Os números fornecem a prova da indiferença materna numa escala maciça e hoje são freqüentemente apresentados como testemunho primordial da tese contra a existência de instintos maternos na espécie humana. Mas não penso que seja isso o que eles realmente provam.

Esses tão citados números derivam do tenente-general Charles Pierre LeNoir, um alto funcionário da polícia cuja função era controlar as repartições de cadastramento a que recorriam os pais trabalhadores para localizar amas-de-leite. LeNoir era também responsável pela investigação de queixas contra amas-de-leite que não tinham respeitado os termos de seus contratos, assim como registrar o desaparecimento de bebês perdidos em meio à desordem.

---

\* Que fúria hostil contra a humanidade/Desviou a mente feminina do rumo natural./Seu inocente senso pela lei da moda reprimido/E a um bebê negado assim o seio materno? (N.T.)

Dos 20 mil bebês que não foram amamentados por suas mães, os 25% mais afortunados nasceram de pais com posses que colocaram seus filhos diretamente com amas-de-leite. Frequentemente, essas elites confiavam em seus rendeiros ou outros locatários rurais como contatos para encontrar candidatas aceitáveis. Algumas das amas-de-leite, babás contratadas tanto para aleitar quanto para tomar conta dos bebês, viviam com as famílias sob fiscalização materna. Quanto aos 25% de bebês desafortunados, estes eram confiados a creches, conforme foi descrito no Capítulo 12. Competia a essas instituições localizar alguém para amamentá-los, se pudessem.

Os restantes bebês amamentados por amas-de-leite provinham da classe média — artesãos, lojistas ou mercadores. Eram a “burguesia de Paris” mas, com frequência, muito pela rama. Dentro dessa classe social, o salário da mãe ou o seu trabalho não-remunerado era de uma importância crítica para o bem-estar econômico da família.<sup>2</sup> Tipicamente, essas mães não eram solteiras nem indigentes. Recorriam a intermediários profissionais para encontrar amas-de-leite para seus bebês. Esse fato deu margem para a indagação feminista suscitada pela filósofa Elisabeth Badinter em *Mother Love: Myth and Reality*. Se porventura existe isso a que chamam instinto materno, como era possível que tantos milhares de mães fossem tão insensíveis ao ponto de despachar seus recém-nascidos para serem amamentados por uma mulher desconhecida?

### Distanciamento “Discricionário”

Os debates do século XX em torno da existência do instinto maternal concentraram-se nessa delegação “discricionária” da guarda dos filhos. Não eram as mães desesperadas, de quem se poderia dizer que não tinham outra escolha, as que atraíam a atenção, mas as mães burguesas, que presumivelmente dispunham de recursos para conservar seus filhos perto delas — e, no entanto, não o faziam. O quadro de Greuze do beijo de despedida (Figura 14.1) mostra o que aconteceu à porta da casa. Nas grandes cidades francesas, um intermediário, chamado *meneur*, apanhava o recém-nascido O que acontecia no interior do lar, ou dentro da cabeça das pessoas, era menos claro. A descrição feita por uma francesa do século XVIII — discípula de Rousseau — permite-nos entrever a situação. A autora, Jeanne-Marie Phlipon de Roland, acabou de visitar uma senhora de suas relações que, embora esperançosa de ter um filho como herdeiro, tinha dado à luz mais uma filha. Escreve Mme. Roland:

Mme. D’Eu deu à luz ontem, ao meio-dia, uma menina. Seu marido estava profundamente envergonhado com o acontecimento; ela sente-se com se tivesse sido desonrada, tal o seu vexame (...). O pobre bebê estava chupando os dedos e bebendo leite de vaca num quarto muito distante de sua mãe, esperando pela mulher alugada que viria amamentá-la. O pai estava

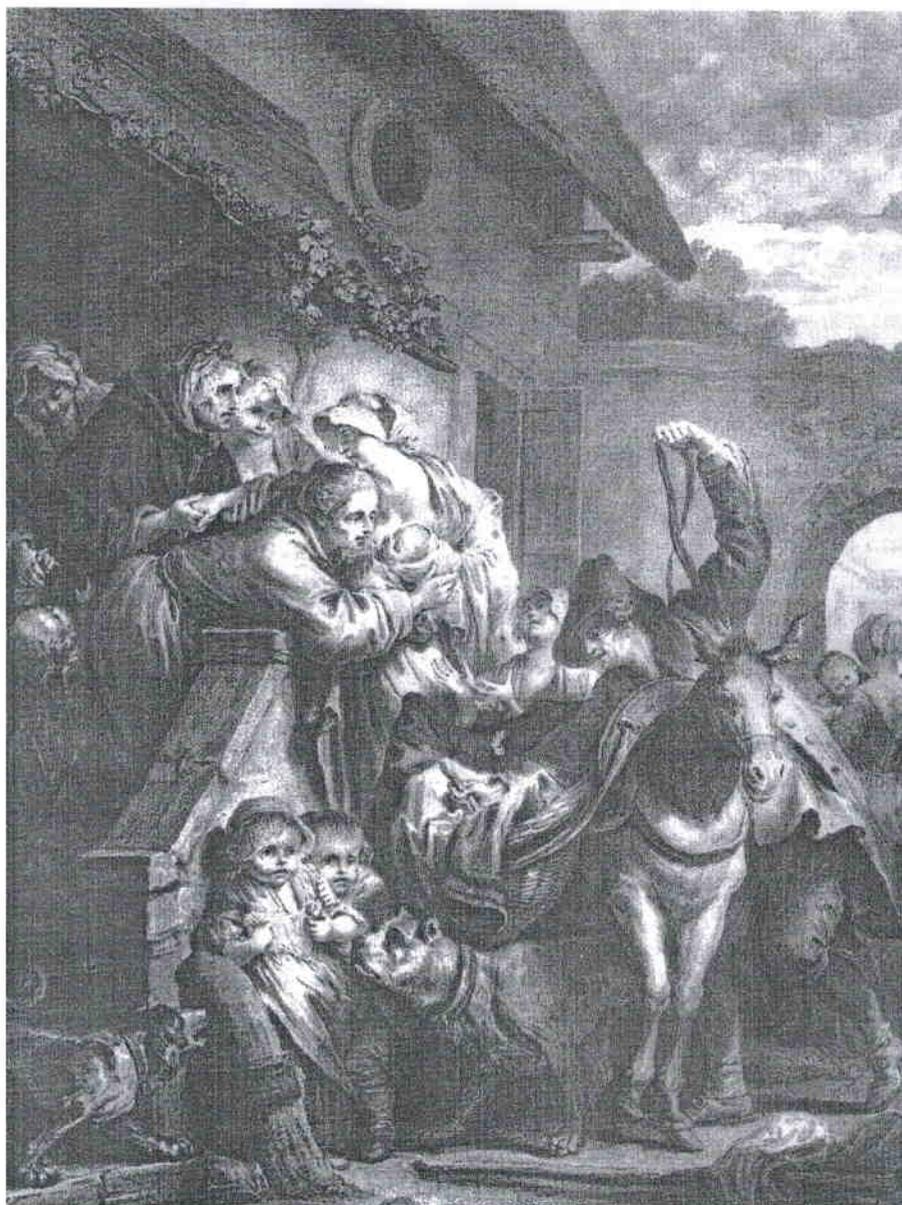


Fig. 14.1. *La privation sensible* [A dolorosa perda], por Jean-Baptiste Greuze (1725-1805) retrata a entrega de um bebê a um intermediário ambulante que o levará para uma ama-de-leite no interior. Pouca da vasta literatura sobre este tema se ocupa dos efeitos psicológicos sobre as crianças; entretanto, o sofrimento e a angústia delas deviam estar presentes no espírito do artista. O quadro tem dois pontos focais: a mãe que beija o bebê ao despedir-se dele e, embaixo, duas crianças de grandes e redondos olhos assustados. (Cortesia da *Bibliothèque Nationale, Paris*)

em grande azáfama para acabar depressa com a cerimônia do batismo, de modo que a pequena criatura pudesse ser mandada logo para a aldeia...<sup>3</sup>

O marido parecia estar estruturando deliberadamente essa situação a fim de minimizar o contato da mãe com o seu bebê — posto num “quarto muito distante”. Era um procedimento que consentia poucas oportunidades para que os primeiros sinais infantis estimulassem emoções na mãe, inibindo assim a formação de quaisquer vínculos entre ela e o seu bebê. A ausência de respostas maternas sob essas condições diz-nos muito pouco sobre os potenciais inatos do mamífero em questão.

Uma vez fora de casa, o bebê poderia encontrar sua ama-de-leite esperando na carroça do *meneur*, pronta para tomar o recém-nascido em seus braços e amamentá-lo durante a longa e áspera viagem até a morada rural da ama-de-leite. Em outras oportunidades, somente o *meneur* se apresentava, conduzindo um cavalo com alforjes pendentes dos lombos. Casos de bebês perdidos pelo caminho vinham ocasionalmente à tona em relatórios da polícia de Lyon e de Paris. Quanto aos bebês que chegavam ao seu destino, era ainda incerto que a mulher que aí os aguardava teria leite suficiente. Não admira que os camponeses que ouviam tocar o sino de uma igreja dissessem simplesmente, com um encolher de ombros: “Não é nada, apenas um pequeno parisiense que morreu...”<sup>4</sup>

### Propaganda a Respeito de “Matadoras” de Aluguel

As autoridades dos séculos XVIII e XIX mostravam-se cada vez mais preocupadas. Estavam apreensivas com os elevados níveis de mortalidade infantil e o declínio de população, assim como da “moralidade pública” (ou seja, estavam apreensivas por verem mulheres trabalhando fora do lar). Referências à “lei natural” e ao “dever sagrado” das mães são abundantes em depoimentos perante comissões formadas para elaborar uma legislação específica sobre o emprego de amas-de-leite e o abandono de filhos pequenos.<sup>5</sup>

Os reformadores, que tinham interesse em romantizar a devoção maternal instintiva, estavam igualmente muito interessados em identificar o uso de uma ama-de-leite com as piores motivações possíveis. Tornou-se conveniente reunir uma série de escolhas parentais numa só categoria — a amamentação por amas-de-leite — e identificar uma vasta gama de intenções sob um motivo: infanticídio. Tal propaganda estava especialmente difundida na época em que a França promulgou tardiamente a Lei Roussel de 1874, a qual se propunha proteger os bebês dos piores excessos da entrega a amas-de-leite.

Médicos convocados a depor como testemunhas em sua condição de peritos sublinharam as intenções homicidas de mães que alugavam outras mulheres para amamentarem seus bebês. O reformador francês Dr. Alexander Mayer descreveu a prática de “abandonar, algumas horas após o nascimento,

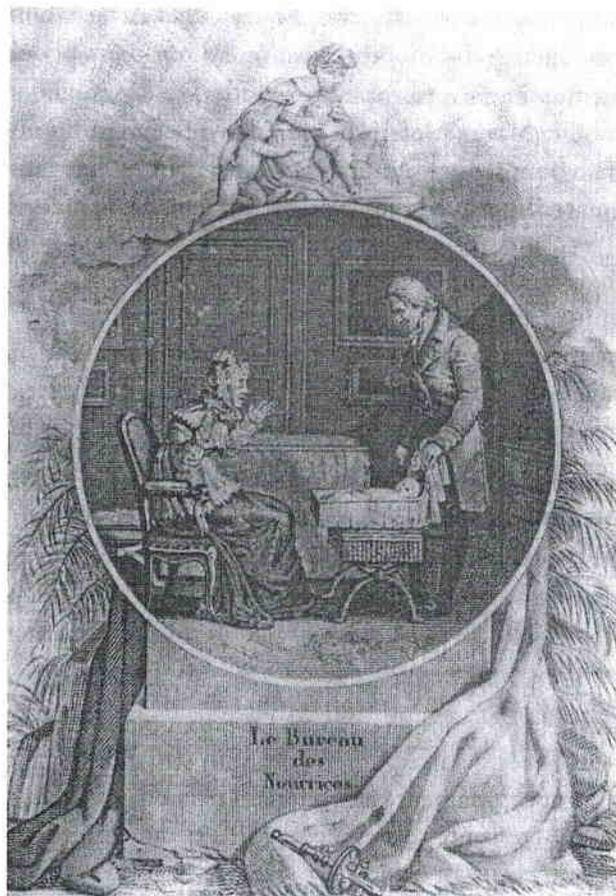


Fig. 14.2. O pai leva seu bebê à consulta com uma *recommandaresse*, uma mulher que, mediante uma gratificação, encarrega-se de encontrar uma ama-de-leite. *Le Bureau de Nourrices* [O Escritório das Nutrizes ], Paris, 1816. (Cortesia de Wellcome Institute, Londres)

um ser querido, cuja vinda era ardentemente desejada, a uma rude camponesa desconhecida, cujo caráter e moralidade se ignoram”, condenando tal prática como “bárbara”.<sup>6</sup> As mães parisienses, afirmou ele, estavam mandando seus bebês para distantes amas-de-leite “com o desejo de não voltar a vê-los de novo”.<sup>7</sup>

A noção de que a entrega a amas-de-leite deve ser uma forma disfarçada e não incriminável de infanticídio, com as amas-de-leite servindo como matadoras de aluguel, serviu de eficaz propaganda e foi rapidamente absorvida pela linguagem corrente. Na Inglaterra, *angelmaker* [fazedora de anjos] era o jargão comum para ama-de-leite; o equivalente alemão era *Engelmacherin*. Na França, *faiseuse d'anges* foi ampliado para incluir também as fazedoras de abortos. A lógica subjacente parece ser que qualquer mulher que fica grávida e depois não

leva o feto a termo ou que, depois do nascimento, não cuida do bebê da forma adequada, é pior do que ser apenas antinatural; ela é homicida.<sup>8</sup> (Essa mesma atitude persiste hoje entre muitos dos que se opõem à escolha reprodutiva.)

Em 1865, o Dr. Mayer profetizou corretamente que “A coisa é toda ela tão revoltante para o bom senso e a moralidade que, daqui a vinte anos, as pessoas recusar-se-ão a acreditar que [as amas-de-leite] tenham sequer existido.”<sup>9</sup> Escreve Maria Piers, uma psicanalista do século XX, em seu livro *Infanticide*: “Deve ter sido de conhecimento geral que a ama-de-leite que os pais contratavam era uma nutriz profissional e uma assassina profissional...”<sup>10</sup> As amas-de-leite, proclama um outro crítico moderno, “eram substitutas de quem os pais dependiam para uma rápida morte de filhos que não eram desejados”.<sup>11</sup>

Na ausência de outras formas de controle de natalidade, as reações maternas eram fortemente influenciadas por um amálgama de antigas e novas regras. As antigas regras de decisão mamífera para lidar com as trocas entre subsistência e reprodução foram reforçadas por um pragmatismo consciente por parte das mães. Por exemplo, se ela continuasse a cuidar do seu filho pequeno, perderia o emprego? Se ela perdesse o emprego, como sobreviveriam ela e sua família? Por outro lado, poderia melhorar a sua sorte (o pé-de-meia que poderia acumular, a melhor casa que poderia ter para morar) se estivesse livre do estorvo causado pela presença da criança? De fato, poucas mães estavam desejando matar seus bebês. Muitas, porém, estavam tentando reduzir o ônus que filhos nascidos inoportunamente acarretariam para o bem-estar e as perspectivas futuras delas. Acrescente-se a essa equação a pesada influência de pais que estavam, entre outras coisas, ávidos por reatar as relações conjugais.

Não obstante a propaganda acerca das intenções maternas, a participação do leite alomaterno deve ter ocorrido pela primeira vez entre os caçadores e coletores, onde as mulheres cooperavam para evitar que os bebês das outras ficassem impacientes e protestassem. O aleitamento alomaterno nesse contexto primitivo forneceu um meio para os indivíduos manterem os bebês vivos e satisfeitos, em vez de os matarem. Como pôde essa primeira repartição voluntária de leite ser transformada nas redes comercializadas que conhecemos em sociedades mais complexas e estratificadas? Não podemos nutrir a esperança de entender como dezenas de milhares de mães se enredaram num intricado tráfico de leite materno, ou de avaliar o que a era das amas-de-leite nos diz ou não nos diz sobre o “instinto maternal” humano, a menos que comecemos pelo princípio.

O leite da mãe, com suas propriedades imunológicas e nutritivas especiais, foi sempre valioso demais para ser repartido de forma indiscriminada. Entre outros primatas, é raro uma mãe amamentar os filhotes de uma outra fêmea.<sup>12</sup> Quando o leite é fornecido por alomães, trata-se de um ato voluntário de parentes numa base oportunista, a curto prazo. Alternativamente, um filhote mais velho, o equivalente entre os macacos de um bebê que ensaia os primeiros

passos, poderá tomar a iniciativa, agarrando-se aos mamilos de uma fêmea aparentada e sendo tolerado por ela.<sup>13</sup> Tal aleitamento está mais próximo de ser um rápido refazer de energias de um filhote irrequieto do que uma fonte primária de nutrição.<sup>14</sup>

Um exame dos relatos etnográficos de mães e suas filhas, irmãs ou co-esposas que oferecem seu leite para amamentar os filhos umas das outras revela um padrão semelhante de reciprocidade casual, oferecida e recebida de forma oportunista. Dos efês, caçadores com rede da floresta de Ituri, até os pescadores das ilhas Andaman, o aleitamento alomaterno era uma cortesia mutuamente benéfica propiciada por mulheres co-residentes — parentes por afinidade, vizinhas e parentes consanguíneas.<sup>15</sup>

### Como a Lactação é Flexível

São puramente circunstanciais as provas de que esse aleitamento alomaterno casual foi sempre uma parte importante dos estilos de vida do Pleistoceno. Não obstante, numerosas características da biologia da mulher aumentaram as chances de que existissem alomães lactantes disponíveis. Até agora, o único feromônio identificado para humanos é a misteriosa substância que faz uma mulher sincronizar a ovulação com uma outra. Se a sincronia de ovulação significou que mulheres vivendo juntas deram à luz ao mesmo tempo, isso terá facilitado, sem dúvida, o aleitamento recíproco. Mas, de qualquer modo, a lactação em mulheres, como na maioria dos primatas, é de uma extraordinária flexibilidade. É por isso que as mães que deixam de aleitar por um tempo (como durante uma enfermidade) podem reatar e começar a reconstruir seu suprimento de leite assim que se recuperam. O suprimento de leite aumenta em resposta à demanda infantil, e a lactação pode ser mantida quase indefinidamente até que a mãe ou o bebê encerre a produção através do desmame. (Foi assim que a romancista Jane Austen veio a ser a sétima criança em sua família a ser amamentada pela mesma ama-de-leite.)<sup>16</sup>

Numa emergência, a lactação pode ser induzida sem que uma alomãe necessariamente engravide. Há casos de mães adotivas — desde meninas de oito anos até avós de oitenta<sup>17</sup> — que lactaram. Mas isso requer mais do que um milagre. Os seios têm que ser massageados a um ponto que muitas mulheres não suportam e os mamilos chupados (algumas mulheres usam filhotes de animais) pelo tempo bastante para desencadear a produção endógena de prolactina e oxitocina.<sup>18</sup> Nas alomães capazes de produzir leite, não existe colostro mas, quanto ao mais, a composição do leite induzido é adequada para sustentar o crescimento do bebê.<sup>19</sup>

Os antropólogos não prestaram muita atenção à lactação induzida. Entretanto, é um padrão significativo em cerca de uma dúzia de relatos existentes. Sejam provenientes da Índia, África, Indonésia, América do Norte ou do Sul, 377

quando a lactação induzida é mencionada, a provedora de leite é, na maioria das vezes, uma anciã amamentando usualmente um neto órfão ou adotivo.<sup>20</sup> Além de serem mais solícitas e já não estarem empenhadas em atividades reprodutivas, as avós são ideais em ainda um outro aspecto. Por razões fisiológicas, uma mulher que já aleitou tem três vezes mais probabilidades de induzir com êxito a lactação do que uma mulher que não pariu um filho.<sup>21</sup>

### Aleitamento Alomaterno Forçado

Entre os povos coletores e horticultores que praticam o aleitamento alomaterno, as mulheres oferecem voluntariamente o seio ao bebê de uma outra mulher. Mesmo quando ocorrem disputas sobre quem fica no acampamento ou quem vai coletar alimento,<sup>22</sup> os benefícios são tão obviamente recíprocos que as coisas resolvem-se por si mesmas. Formas mais exploradoras de aleitamento alomaterno não-recíproco só puderam surgir quando houve uma classe de mães capazes de obrigar mães de classes inferiores a colocarem seus seios à disposição.

Existem muitos precedentes para o aleitamento alomaterno forçado em outros mamíferos, especialmente aqueles com sistemas de criação cooperativa (tratados no Capítulo 4). Os comportamentos envolvidos não são muito especializados nem incomuns. Veja-se o caso da alcatéia de cães selvagens em que a fêmea dominante matou todos menos um dos cachorrinhos da ninhada de uma fêmea subordinada. Como esta última continuou a amamentar seu solitário filhote sobrevivente, os dez cachorrinhos da mãe dominante, já maiores do que o sobrevivente solitário, apossaram-se das tetas da fêmea subordinada. O último cachorrinho da ama-de-leite à força teve tolhido o seu desenvolvimento e, quando a alcatéia se deslocou, ele ficou para trás e teria morrido se os observadores não o tivessem resgatado.<sup>23</sup>

Mas no que se refere a quando, na pré-história *humana*, uma mãe se apropriou pela primeira vez do leite de uma outra, ninguém ofereceu sequer uma conjectura. No terceiro milênio a.C., ocorreu a uma mãe suméria (a mulher de Shulgi, senhor de Ur), enquanto ninava seu filho, prometer à criança uma esposa quando crescesse, e depois um filho — com sua competente ama-de-leite:

*A babá de coração alegre cantará para ele;  
A babá de oração alegre o amamentará (...)*<sup>24</sup>

Na época de Homero, no século VIII a.C., alguns filhos bem-nascidos (como o príncipe Odisseus) foram amamentados por servas, ao passo que outros na mesma população eram amamentados por suas próprias mães.

Os próprios antecedentes de algumas amas-de-leite eram de famílias privilegiadas, sendo o seu *status* ainda mais elevado pelo contato com os pequenos

descendentes das classes altas. No antigo Egito, as amas-de-leite eram recrutadas dos haréns dos altos dignitários da corte do faraó (uma engenhosa maneira de obter lealdade), e essas alomães apareceram subsequenteiramente nas listas de convidados para régios banquetes fúnebres. Cerca de 1330 a.C., o rei Tut construiu um túmulo em honra de sua ama-de-leite.<sup>25</sup> A filha de uma régia amade-leite do antigo Egito foi permitido usar o título de “irmã-de-leite do rei”. Respeito análogo foi acordado a amas-de-leite na Índia, China, Japão e Oriente Próximo.<sup>26</sup> Nas culturas árabes, a lei islâmica prevê três espécies de parentesco: pelo sangue, pelo casamento e pela circunstância acidental de dois indivíduos terem mamado leite da mesma mulher.

As amas-de-leite menos afortunadas eram, com efeito, escravas com muito poucas opções. Sobrevivem dúzias de compêndios e manuais instruindo os pais sobre o que devem procurar numa boa ama-de-leite. Virtualmente todos eles são contrários à escolha de uma mulher que esteja grávida ou amamentando ainda o seu próprio bebê. Como era freqüente as amas-de-leite não estarem bem alimentadas, havia a preocupação legítima de que a mulher não tivesse leite suficiente para alimentar dois bebês. Sem adiantar mais do que um breve comentário sobre as implicações, os pais foram aconselhados a encontrar uma ama-de-leite que tivesse dado recentemente à luz e cujo leite ainda era “novo”. Assim, os manuais exibem um soberano desprezo pelo bem-estar do bebê da própria ama-de-leite. Presume-se que o seu aparentemente dispensável bebê tenha morrido, em consequência do seu precoce desmame, ou então sido enviado para uma outra mulher, possivelmente para ser alimentado com leite que não é o da própria mãe. Um mingau feito de água e farinha grossa de milho, usado na alimentação com amas-secas, era geralmente letal para os recém-nascidos.

A correspondência, no século XV, entre um mercador italiano e sua cônjuge relata os ativos esforços da mulher para encontrar uma ama-de-leite conveniente para uma das clientes de seu marido.<sup>27</sup> Ela estava de olho num certa escrava cujo bebê parecia estar prestes a morrer. A mulher do mercador não fez segredo do seu desapontamento quando o bebê da escrava sobreviveu. O historiador Richard Trexler registra que cerca de 30% dos bebês enviados para as rodas de expostos durante o período do Renascimento eram filhos de escravas, cujos senhores tinham outros usos para o leite delas.<sup>28</sup>

### **As Amas-de-Leite**

De todos os protagonistas nessas transações, é sobre as próprias amas-de-leite que menos sabemos. Se escravas ou apenas camponesas na miséria, o preço da contínua sobrevivência era fornecer leite para os filhos de estranhos à custa dos seus próprios. Algumas amas-de-leite podem ter sido jovens camponesas esperando ganhar um dote e então casar e ter filhos para valer. Muitas, 379

sem dúvida, acabaram afetivamente muito apegadas aos bebês sob sua guarda. Entretanto, a poucas seria permitido o contato com eles após o desmame. Quase nada sabemos sobre o trauma psicológico que a ruptura desse vínculo causou nos bebês e nas mulheres que cuidavam deles.

As conseqüências demográficas, entretanto, são conhecidas. A supressão lactacional da ovulação retardou a concepção seguinte da ama-de-leite. Mas esse longo intervalo entre partos não foi compensado pela maior sobrevivência de seus próprios filhos. Só raramente suas circunstâncias melhoraram a ponto de permitir-lhe compensar mais tarde as primeiras perdas com a produção de filhos mais saudáveis. Para ela, ser ama-de-leite resultava sempre em pura perda.

Há indícios de que, apesar da desesperança de sua posição, as amas-de-leite tentavam, por vezes, com variável sucesso, subverter um sistema fortemente avesso a que as mães amamentassem seus próprios filhos. Desde a mãe de Moisés até as mulheres russas que subornavam o pessoal dos asilos para enjeitados, algumas mães logravam ser pagas para amamentar seus próprios bebês. Sempre que podiam, as mães buscavam estratégias que pudessem melhorar sua sorte. Raramente o conseguiam. Não obstante, a substituição de um bebê no lugar de um outro — a fonte de muitas confusões burlescas nas peças de Gilbert e Sullivan — era tomada suficientemente a sério na antiga Mesopotâmia para merecer uma terrível punição. A troca de bebês era especificamente proibida no Código de Hammurabi (1700 a.C.). Se uma ama-de-leite era surpreendida fazendo isso, “eram-lhe cortados os seios”.<sup>29</sup>

#### **Alta Fertilidade Mais Alta Sobrevivência**

Da era medieval em diante, as amas-de-leite — pagas, contratadas ou escravas — podiam ser encontradas nas residências da elite na Europa, Ásia e Oriente Próximo. Tinha-se o maior cuidado em selecionar uma ama não-grávida com um saudável suprimento de leite. Vivendo em residências aristocráticas, vigiadas de perto pela família, os bebês amamentados por tais amas-de-leite tinham praticamente as mesmas taxas de sobrevivência — por vezes até melhores — do que os bebês amamentados por suas próprias mães. Para um bebê da amostra de tenente LeNoir, nascido na França setecentista, as probabilidades de sobrevivência eram de cerca de 80% tanto para a exígua fração amamentada por suas próprias mães quanto para os que tinham a boa sorte de ser amamentados por amas-de-leite no confortável ambiente da casa de seus pais.<sup>30</sup>

Longe de aumentarem a mortalidade infantil, as amas-de-leite situadas em lares privilegiados permitem às elites contornarem um normal óbice mamífero. Ao apoderarem-se do leite de outras mulheres, as esposas da elite voltam a engravidar muito mais cedo sem que seus bebês corram o risco de concorrer para a elevação da taxa de mortalidade infantil. Elas tiram o melhor proveito da troca entre a “quantidade” e a “qualidade” dos cuidados. De fato, alguns



Fig. 14.3. Antes da Segunda Guerra Mundial, os hospitais nos Estados Unidos ainda alugavam amas-de-leite para alimentar bebês prematuros. Era permitido à ama-de-leite continuar a amamentar seu próprio bebê, para sua paz de espírito e porque a estimulação de um mamilo e a sucção do bebê mais forte produziu um reflexo de “baixar” que torna mais fácil para o prematuro obter o leite. Os administradores hospitalares calcularam que as amas-de-leite forneceram de 200 a 300 onças de leite em troca de um salário de oito dólares semanais.<sup>31</sup> (Cortesia dos *Síndicos da Biblioteca da Universidade de Cambridge*)

bebês (sobretudo se forem filhas, que de outra forma poderiam ter sido desmamadas mais cedo para que suas mães pudessem engravidar de novo na esperança de gerar um filho homem) foram amamentados por amas-de-leite *durante mais tempo* do que se tivessem sido alimentados ao peito de suas próprias mães.

Para as elites, o uso da ama-de-leite significou alta fertilidade *mais* alta probabilidade de sobrevivência do bebê. Não é um caso atípico, uma duquesa britânica do século XVIII que deu à luz seu primeiro filho aos 16 anos, um ano após seu casamento, continuou reproduzindo por mais trinta anos, até nascer o seu vigésimo primeiro filho quando ela estava com 46 anos.<sup>32</sup> Oito filhos sobreviventes — o que teria sido um nível recorde de sucesso reprodutivo para um caçador-coletor — foi meramente a *média* para as mulheres do seu círculo. Tipicamente, as esposas dão à luz quase anualmente durante a primeira década de casamento, reduzindo para um ritmo mais gradual nos dez anos seguintes. Em regiões isoladas da Europa, a rápida reprodução de muitos filhos a breves intervalos continuou a ser a norma até grande parte do século XIX.<sup>34</sup>



Fig. 14.4. Quando o uso de amas-de-leite se converteu num costume estabelecido, as mães tiveram vários incentivos para as alugar. Gabrielle d'Estrées, duquesa de Beaufort, foi amante do rei Henrique IV, a quem deu três filhos. Famosa por sua beleza, detestada pela riqueza e a influência que ela lhe facultava, poderia ter realizado sua ambição de ver um de seus filhos suceder ao trono da França se não tivesse falecido aos 26 anos de idade. Sua decisão de usar uma ama-de-leite pode ter estado ou não relacionada com a produção de abundantes herdeiros. Mais provavelmente, sua escolha foi ditada pela conveniência, sua ambiciosa preocupação com as maquinações na corte e o desejo de conservar seios compactos, simétricos, de aspecto juvenil. Ainda mais do que para a maioria das mulheres, a vaidade era importante para os interesses pessoais de uma cortesã. (Fotografia Giraudon, cortesia de Museu Condé, Chantilly)<sup>33</sup>

#### **Investimento Parental Bem Afinado**

Por quanto mais tempo um bebê fosse amamentado por sua mãe, maiores eram as probabilidades de sua sobrevivência. As mães puderam desmamar mais cedo com segurança somente depois que a água deixou de causar disenteria e as alternativas para o leite materno passaram a ser nutritivas e saborosas. Mas a não ser que um observador esteja presente para registrar o “tempo no mamilo” e o “tempo fora do mamilo” (que é o método usado pelos primatologistas), raramente é possível saber quando o desmame realmente ocorre. Com as amas-de-leite isso pode ser feito. Quando o pagamento cessou, o mais provável é que também o bebê tenha deixado de ter acesso ao leite alomaterno.

Atente-se para um notável estudo das vidas íntimas de famílias florentinas da Renascença. Com base em diários domésticos, chamados *ricordanze*, a historiadora Christiane Klapisch-Zuber estimou ser grande a probabilidade de que uma em cada três famílias tivesse um filho amamentado *in casa* — a providência mais onerosa e mais segura preferida pelas elites quatrocentistas. Essa ama-de-leite em casa era fiscalizada pela mãe. Quando os bebês eram enviados para amas-de-leite longe de casa, o mais provável era que fossem filhas — 69% das filhas em comparação com 55% dos filhos, e destes últimos a maioria era constituída pelos mais moços, “herdeiros supérfluos”. Mesmo assim, os pais pagavam mais para que seus filhos fossem amamentados, em média, durante um mês e meio a mais do que suas filhas.<sup>35</sup>

### Como Poderia o Amor, se “Natural”, Ser Discriminatório?

“Como poderia ser esse amor, se fosse realmente natural e espontâneo, ser dirigido mais para um filho do que para um outro?”, perguntou Elisabeth Badinter com sua usual e vigorosa lógica. Como poderia uma mãe cuidar assiduamente de um filho primogênito e depois “despachar para longe os filhos mais moços por muitos anos?”<sup>36</sup> Entretanto, o tratamento desigual da progênie só constitui um problema para aqueles que igualam biologia com determinismo genético, que pressupõem que, independentemente de idade ou condição materna, ou da viabilidade ou até sexo de sua progênie, todas as mães são idênticas, um fenótipo invariante chamado MÃE.

É claro, isso é verdadeiro se a constante invariante (os 50% de probabilidades de compartilhar de genes por descendência comum) for tudo o que importa. Mas no pragmático e nada amável domínio da Mãe Natureza, as mães desenvolveram a capacidade de avaliação em termos de custos (o que, no caso humano, pode ir desde a idade ou condição física da mãe até um conhecimento consciente de custos futuros) e benefícios (por exemplo, um meio social que oferece aos filhos melhores oportunidades do que às filhas).

Do ponto de vista evolutivo, o modo mais simples de explicar o comportamento materno é como um caso especial da regra de Hamilton (ver Capítulo 3) para elucidar os atos altruístas entre indivíduos aparentados. Aplicada neste contexto, a regra de Hamilton não é tanto sobre genes (no final das contas, ninguém tem qualquer idéia sobre o que está acontecendo ao nível dos genes, ou sobre que mecanismos estão envolvidos) quanto a respeito de prever qual deve ser o custo de um indivíduo em função de um outro. Nesse nível, a regra de Hamilton é uma metáfora formalmente organizada para o modo como a seleção natural modelou a economia das emoções maternas, sendo C o custo para o doador, B o benefício para o recipiente e r o grau de parentesco:

$$C < Br$$

Longe de refutarem a pertinência da biologia, os modelos baseados conjuntamente na regra de Hamilton e na teoria biográfica predizem que, com efeito, os pais investiriam de forma diferenciada na progênie de acordo com as suas circunstâncias. Uma mãe alteraria seus compromissos segundo a probabilidade de um bebê de determinado sexo ou condição contribuir para aumentar o bem-estar da família ou traduzir o investimento parental num sucesso reprodutivo a longo prazo. Tal como os casos de infanticídio seletivo por sexo no capítulo prévio, as decisões sobre o uso de amas-de-leite são um outro indicador empiricamente mensurável que revela a parcialidade com que os pais tomam determinadas decisões. A biografia do diplomata e estadista francês Charles-Maurice de Talleyrand-Perigord é um caso ilustrativo, um caso que teve, provavelmente, repercussões duradouras para a história tanto de nações quanto de indivíduos.

Talleyrand era o segundo filho de uma antiga e poderosa família que estava enfrentando — como muitas outras no século VIII — tempos financeiramente difíceis. Depois que nasceu seu primogênito e herdeiro, alimentado em casa por ama-de-leite, a família optou por economizar nas despesas com a ama-de-leite, mandando seu segundo filho para ser amamentado nos arredores de Paris. Quando o filho mais velho faleceu, seus pais imediatamente retomaram Talleyrand, o filho agora destinado a ser o herdeiro. Para profunda consternação paterna, o garoto tinha despencado de cima de uma arca enquanto entregue aos cuidados da ama-de-leite, machucara seriamente um pé e ficara manco para o resto da vida. Daí que quando nasceu um terceiro filho, reuniu-se o conselho de família e foi decidido que Talleyrand não seria um crédito para a família e deveria abdicar do seu direito de primogenitura, entrando para a Igreja, uma carreira que ele acabaria por abandonar. O resto é História com H maiúsculo, quando esse homem hábil, calculista e profundamente cínico se tornou um dos principais conselheiros de Napoleão.

#### **Custos da Rápida Reprodução Suportados por Esposas**

Quando esposas, por não usarem outras formas de controle da natalidade, delegaram a amamentação a amas-de-leite, uma consequência foram os intervalos mais curtos entre os partos. Como seus bebês nutridos por amas-de-leite (sobretudo os que eram amamentados em casa) geralmente sobreviviam, o resultado era o maior tamanho atingido pelas famílias abastadas. Algumas das consequências imprevistas para a mãe, entretanto, incluíam dificuldades obstétricas resultantes da rápida sucessão de partos — desde enxaquecas e anemia até lacerações cervicais, infecções pélvicas e prolapso uterino, descritos com sombrios detalhes pelo historiador Edward Shorter em sua *History of Women's Bodies*. Enquanto os pais da elite, especialmente os casados com sucessivas esposas, desfrutavam de um sucesso reprodutivo sem precedentes, suas mulhe-



Fig. 14.5. O estadista francês Charles-Maurice de Talleyrand-Perigord (1754-1838) recordou que em toda a sua vida não tinha passado mais de uma semana sob o mesmo teto que seus pais. Pouco se conhece sob as conseqüências psicológicas de sua estranha infância. Entretanto, seu biógrafo diz-nos que o Talleyrand de olhar de aço “tornou-se um sinônimo de falta de princípios numa era sem princípios”.<sup>37</sup> (Tela de Z. Belliard. Cortesia dos Archives Départementales de l’Indre e do Palácio de Valençay)

res estavam bem mais perto de padecê-lo; muitas delas faleceram jovens e a grande maioria (como Emma Darwin, que deu à luz 10 filhos) temia os freqüentes períodos de confinamento.

Através desses poucos vislumbres que nos são proporcionados fica evidente, no entanto, que o impulso pró-natalista provinha sobretudo dos maridos e de suas famílias, não das próprias mães. As mães queriam filhos... mas não tantos. Tendo produzido o requerido herdeiro macho, algumas mulheres *insistiram* em amamentar seus próprios bebês como forma de se esquivarem à extenuante rotina reprodutiva. Filhos saudáveis, nascidos com intervalos bem espaçados (qualidade acima da quantidade), convinham-*lhes* mais.<sup>38</sup>

Mas estava em jogo algo mais do que o pró-natalismo consciente. Na França, os maridos tinham um incentivo extra para confiar seus bebês a amas-de-leite. Queriam seus privilégios conjugais e a Igreja Católica desencorajava o relacionamento sexual entre maridos e mães lactantes, talvez pelas mesmas razões invocadas por tantas culturas. Tabus sexuais *postpartum* são encontrados em diversas sociedades tradicionais desde as Américas do Norte e Sul até a Nova Guiné e África, presumivelmente como precaução extra, uma medida de segurança contra o nascimento de um novo irmão cedo demais.<sup>39</sup> Ironicamente, um costume que se originou porque aumentava as chances de sobrevivência da criança ao garantir maiores intervalos entre nascimentos, teve com muita freqüência o efeito oposto em países católicos. Mandar os bebês para amas-de-leite redundou provavelmente num muito maior número de mortes infantis do que os intervalos abreviados entre partos em conseqüência da ocasional gravidez de uma mãe lactante.

A resistência materna a partos em rápida sucessão pode ter contribuído para a adoção desde cedo do controle da natalidade na França. Por razões ainda não bem entendidas, as taxas de natalidade entre as elites francesas declinaram mais cedo e mais depressa do que no resto da Europa, onde a transição demográfica só se iniciaria em finais do século XIX. A campanha de Rousseau

para convencer os pais a tratarem todos os filhos em pé de igualdade pode ter sido parcialmente responsável. Mas a pressão para limitar o tamanho da família como um modo de manter o seu *status* já estava aumentando.

Como, anteriormente, a tendência era para que *status* e bem-estar fossem correlativos do sucesso reprodutivo, não surpreende que as mães, sobretudo as dos níveis sociais superiores, os colocassem em primeiro lugar como fundamentais. Quando se viam a braços com uma escolha entre esforçar-se pela conquista de *status* e esforçar-se por ter filhos, as mães deram prioridade ao *status* e ao “sucesso cultural”, à frente de um desejo de muitos filhos.<sup>40</sup>

Se, em vez de canalizar a riqueza para um filho (através da primogenitura), os pais tivessem que tratar toda a prole em plano de igualdade (o que se tornou lei na França em 1804, com a adoção do Código Napoleônico), então produzir um menor número de herdeiros era essencial se uma família de posses quisesse manter sua posição social e econômica. Por essa e outras razões (também sofrivelmente entendidas), mães ansiosas por manter o *status* privilegiado de seus descendentes tomaram medidas para reduzir o tamanho da família. Essas famílias de menor tamanho (mais próximas dos cinco membros do que dos dez) assemelhavam-se bem mais às de seus ancestrais caçadores e coletores do que às numerosas proles características do século XVIII. Famílias menores reduziram a pressão para economizar no montante de investimento que os pais consignavam a cada filho e permitiram às mães o luxo de uma ética iluminista a respeito da criação dos filhos. Muitas pessoas pensam que as famílias de menor tamanho do período de transição pós-demográfico são raras. Mas não são. Elas estão mais perto de uma *reversão* para uma norma anterior da espécie.

#### **Expansão do Comércio das Amas-de-Leite**

Muito antes da transição demográfica, o recurso à ama-de-leite tinha-se propagado aos estratos inferiores da escala social, culminando numa circulação em grande escala de leite materno. A exploração comercial da ama-de-leite atingiu o auge na Europa do século XVIII, mas seus precursores podem ser situados muito antes. Documentos escritos em papiros em 300 a.C. indicam que mulheres livres no Egito helenístico, não apenas as escravas, estavam negociando o fornecimento de leite materno.<sup>41</sup> No século II da nossa era, vender o acesso ao seio de uma mulher era uma transação comercial rotineira e no mercado de verduras do Forum Holitorium de Roma, os compradores encontravam-se com vendedores num local chamado *lactaria* (designado por uma coluna).

A exploração comercial da ama-de-leite já estava muito distante do ocasional, voluntário, aleitamento alomaterno que encontramos entre os caçadores e coletores, e nas primitivas sociedades agricultoras. Por fim, ter uma ama-de-leite tornou-se um símbolo de *status* elevado. Muito provavelmente, a prática imposta ou contratual (em vez de recíproca) da amamentação alomaterna

ficou estabelecida, em primeiro lugar, entre as elites. Depois tornou-se uma invejável opção que as subelites procuraram imitar. E só mais tarde a prática de usar uma ama-de-leite se propagou entre as mães trabalhadoras. Quando o costume se difundiu das elites para as subelites,<sup>42</sup> a ama-de-leite ofereceu uma solução original para um dilema perene: Como pode uma mãe dedicar-se a atividades relacionadas com *status* e subsistência sem estar sobrecarregada com os cuidados que um filho pequeno requer? Uma vez mais, o bem-estar imediato de uma mãe e talvez as necessidades de filhos mais velhos, que já ultrapassaram os primeiros e perigosos anos de vida, foram mais importantes do que cuidar de um determinado bebê.

---

Se descermos ao longo da escala econômica no mundo pré-mamadeira, verificaremos que o uso das amas-de-leite foi uma adição tardia ao repertório humano. Tinha pouco a ver com o poupar a uma esposa a cansativa e rotineira tarefa de amamentar seu bebê, ou ajudá-la a conservar seios bem moldados, ou causar-lhe nova gravidez mais cedo do que se desejava — embora fossem essas as conseqüências. O trabalho da mãe era, antes, essencial à sua própria subsistência ou (como no caso de magarefes e artesãos) à economia da família. Amamentar um bebê interferia com a eficiência da mãe numa época em que a fronteira entre o *status* burguês e a indigência era perigosamente estreita. Dadas as alternativas, ela optou pela ama-de-leite. Nem me surpreenderia ver mães modernas procurando, uma vez mais, contratar outras para amamentarem seus bebês, quando estão lendo a todo o instante artigos em que se louvam e recomendam os benefícios da amamentação para a segurança, inteligência e sistemas imunológicos de seus filhos. Muitas mais se aproveitarão das vantagens das bombinhas de sucção para providenciar um estoque pessoal à disposição das creches onde seus filhos pequenos passam os dias.

#### **Em Busca de quem Tome Conta em Condições Acessíveis**

Durante o século XVIII, a população na França pulou de 20 milhões para 27 milhões.<sup>43</sup> No interior, más colheitas somadas ao fracionamento das pequenas propriedades entre numerosos filhos aumentou a quantidade de despojados. Se prover o necessário para o próprio sustento já era difícil, sustentar uma família era ainda mais duro. Um homem cuja mulher não trabalhava não podia esperar ganhar o bastante para sustentar a família. Por conseguinte, a chegada de filhos adicionais significava um desastre se a mãe tivesse que parar de trabalhar.

Camponeses desesperados emigravam para as cidades, mas sua subsistência continuava marginal. A rápida urbanização combinada com a lenta indus-

rialização traduziu-se em poucas oportunidades, não só para os pais como para os filhos que sobreviveram. As rendas eram baixas, os aluguéis altos, o preço do pão subia mais depressa que os salários. Muitas das mães francesas que enviavam seus bebês para amas-de-leite eram trabalhadoras que mal ganhavam para levar uma existência precária — “burguesas”, mas só por um triz. Quanto mais envolvida a mulher estava em ajudar o marido — fosse numa loja ou em algum ofício como a sericultura — mais provável era o uso de uma ama-de-leite pela família.<sup>44</sup> Em qualquer época, a necessidade de que a mãe trabalhe para ajudar no sustento da casa era um melhor indicador do que seria feito com o bebê (mantido em casa, mandado para uma ama-de-leite, deixado numa roda de expostos) do que as taxas de mortalidade infantil. Como isso podia era possível?

O historiador George Sussman calcula o orçamento típico para uma família de artesãos. Quase metade da renda mensal ganha pela família ia para a alimentação, 15% para vestuário, 6% para luz e aquecimento e 13% para aluguel. Além disso, a ama-de-leite custava oito libras mensais por criança — 20% do orçamento familiar, enquanto a família fosse capaz de manter os pagamentos.

Em suma, as mães trabalhadoras mandavam seus bebês cada vez mais longe, não para causar-lhes legalmente a morte mas, primordialmente, em busca de quem tomasse conta deles em condições que estivessem ao alcance de suas bolsas. Não foi a natureza maternal (sempre na contingência das circunstâncias) que mudou através dos tempos; foram as opções maternas. Chupetas e leite pasteurizado só estariam disponíveis no final do século XIX. Em termos práticos, as amas-de-leite eram a única alternativa segura para a amamentação de um bebê por sua própria mãe. O problema era que as mães trabalhadoras estavam competindo com as elites, as quais chegavam a pagar muitas centenas de libras por ano para que as amas-de-leite passassem a viver nas residências de quem as contratava. (As próprias amas-de-leite viam-se freqüentemente coagidas a encontrar quem tomasse conta por preço baixo de seus próprios filhos pequenos na prolongada ausência delas.) Os pais em busca de amas-de-leite baratas estariam também competindo com os asilos para crianças abandonadas.

Entretanto, de um modo ou de outro, os pais burgueses localizaram amas-de-leite satisfatórias e, num mundo sem outras formas de controle de natalidade, o recurso à ama-de-leite produziu o mesmo efeito entre essas mães que tinha causado entre as elites: uma espantosa hiper-fertilidade mas com uma cruel diferença. Entre as subelites, a alta fertilidade veio acoplada com elevadas taxas de mortalidade infantil.

As mulheres trabalhadoras produziam rotineiramente de 12 a 16 filhos. Em sua notável história das famílias burguesas de Lyon durante esse período, o historiador demográfico francês Maurice Garden descreve a mulher de um

açougueiro que produziu 28 filhos em 24 anos.<sup>45</sup> As probabilidades de sobrevivência dessas crianças estavam diretamente relacionadas com quanto seus pais pagavam para tê-las entregues aos cuidados de amas-de-leite. O abandono era livre mas, na época em que o tenente-general LeNoir estava organizando suas estatísticas, as taxas de mortalidade nas creches para crianças abandonadas na região de Paris atingiam os 85%. Também por essa época, um ano de aluguel de ama-de-leite numa localidade rural saía por 100 libras e reduzia as taxas de mortalidade pela metade — para 40% ou menos.

Até mesmo seis meses de aleitamento alomaterno podiam fazer toda a diferença entre vida e morte. Cerca de 10% de pais trabalhadores deixaram de pagar às amas-de-leite, com o resultado de que seus bebês acabaram num asilo para crianças abandonadas. No entanto, a vantagem obtida por não mais que esses primeiros seis meses de aleitamento de uma ama-de-leite paga estimularam as chances de sobrevivência de um bebê consignado subsequente a um asilo. Uma ama-de-leite alojada na casa dos pais do bebê, embora custasse mais do dobro de uma ama-de-leite rural, reduzia a taxa de mortalidade por mais outra metade, baixando-a para 20% — a mesma que se verificava se as próprias mães amamentassem os seus bebês.<sup>46</sup>

### A Creche Diurna como Aleitamento Alomaterno Modificado

Talvez a mais próxima analogia de tudo o que está implícito no emprego de amas-de-leite seja o que nós, mães modernas, fazemos quando transigimos e pagamos para colocar nossos filhos pequenos em acessíveis creches diurnas do tipo “maternal”, afortunadamente das nove às cinco (não incluindo os fins-de-semana) e nem de longe tão deplorável ou tão letal quanto o recurso à ama-de-leite.

Dos 21 milhões de crianças com menos de seis anos de idade nos Estados Unidos, em 1995, 12 milhões estavam em creches diurnas. Dos bebês de menos de um ano de idade, 45% estavam em algum tipo de estabelecimento “maternal”.<sup>47</sup> As mães buscam essa assistência num mercado onde mães ricas, não-trabalhadoras, mulheres profissionais liberais e executivas com altos salários, mulheres trabalhadoras comuns e mães coagidas a trocar a seguridade social por um salário mínimo no mercado de trabalho, para não mencionar também as repartições do governo encarregadas de encontrar famílias para a adoção de crianças, estão todas competindo pela assistência alop parental, uma mercadoria que, para começo de conversa, não conta com oferta abundante. Um artigo de 1998 do *New York Times* sobre a “aguda falta de creches diurnas” enfrentada pelas mães que foram pressionadas para trocar a “seguridade social” pelo “salário” aponta que

três quartos das mães na força de trabalho recorrem a *baby sitters* que são também pagas pela administração municipal. As mais afortunadas mobili-

zam parentes de confiança ou amigas íntimas. As que não têm essa sorte vêem-se na contingência de deixar seus filhos e filhas em apartamentos superlotados, sujos, com zeladoras que mal conhecem (...) <sup>48</sup>

Tal como as mães trabalhadoras de hoje, as mães européias do século XVIII punham na balança a assistência de babás saudáveis perto de casa contra a disponibilidade de recursos para fazer face à despesa. Uma diferença crítica era que as seriamente precárias condições das creches diurnas/noturnas do século XVIII contavam com muito menos fiscalização dos pais, envolviam muito maiores riscos para a saúde das crianças e riscos psicológicos muito piores, decorrentes da ruptura de vínculos emocionais.

### **Modos Alternativos para Mitigar os Custos da Assistência**

As mães com dupla jornada, seja para colher alimentos ou para ir trabalhar num emprego, buscaram sempre formas de mitigar os custos da assistência infantil. Hoje, as mães contratam babás, deixam os filhos em creches administradas pelo governo, em “maternais” ou centros diurnos de puericultura; confiam em parentes para que tomem conta de seus filhos; ou então continuam cuidando elas próprias dos filhos pequenos mas reduzem o montante de atenção dispensado a cada um. As reduções vão de deixar um bebê sozinho por 15 minutos no assento do automóvel enquanto corre a fazer algumas compras até uma negligência tão pronunciada que resulta no desenvolvimento deficiente da criança. Nos casos mais extremos, as conseqüências dessas táticas são mensuráveis. O mais freqüente, porém, é não o serem. Mesmo quando a omissão materna afeta a morbidez ou mortalidade infantil, os efeitos de decisões maternas não deixam um traço mensurável.

As sociedades onde o infanticídio é impensável, onde os bebês nunca são amamentados por alguma mulher alugada, nem abandonados em trouxas à beira das estradas, nem enfaixados e pendurados em árvores, tendem a ser sociedades onde as mulheres têm algum grau de autonomia reprodutiva e acesso a alguma forma razoavelmente confiável de controle de natalidade. Ou então trata-se de sociedades onde as mães têm à sua disposição costumes ou instituições sociais que lhes permitem delegar parte da assistência a alomães.

Assim como os bebês europeus foram outrora deixados em rodas de expostos ou mandados para amas-de-leite em níveis quase epidêmicos, hoje presenciemos as mães pobres das Filipinas, das Américas Central e do Sul, da África do Sul e da Ásia deixarem para trás seus bebês para serem alimentados com mamadeira e ficaram sob os cuidados de parentes, enquanto elas próprias vão trabalhar como governantas e zeladoras dos filhos de outros. As soluções diferem, mas as trocas realizadas pelas mães, assim como as emoções subjacentes e as avaliações mentais, permanecem as mesmas.



Fig. 14.6. Uma menina sul-africana e sua babá. As mães que contratam babás preferem, com frequência, não pensar onde estarão os filhos pequenos da própria babá.

#### **Incentivar a Adoção e Outras Formas de Confiar a Alopais a Criação dos Filhos**

“Onde toda a criança é uma criança desejada” é um *slogan* bastante apropriado para a *Planned Parenthood*, uma organização admirável que procura ajudar as mães a escolher o momento oportuno para os nascimentos e a espacar a prole em harmonia com a saúde materna e as necessidades da família. Nesse mundo ideal, toda a criança é desejada porque as condições e motivações maternas são levadas em conta. Nos termos da regra de Hamilton, o mesmo resultado pode ser produzido de outras formas — por exemplo, reduzindo o custo de cada bebê e/ou repartindo esse custo entre alopais.

Há alguns anos, David Kertzer, o antropólogo que estudou os asilos italianos para crianças enjeitadas, sublinhou que a pobreza, por si só, era um sofrível indicador de abandono infantil. A Sardenha foi um caso ilustrativo. Durante o mesmo período em que grande número de bebês estavam sendo abandonados na Toscana, Sicília e outras partes da Itália, virtualmente nenhum bebê foi abandonado nessa que é uma das mais pobres regiões italianas. Entre 1879 e 1881, quando 69 mil bebês foram deixados em asilos para crianças abandonadas na Sicília, somente *quinze* foram abandonados na Sardenha. Kertzer atribui essa quase ausência de abandono infantil à organização familiar matricêntrica na Sardenha. As filhas permaneciam junto da parentela, de modo que mesmo as moças solteiras contavam com “uma rede de apoio de parentes femininas”.<sup>49</sup>

Como sempre acontece, a disponibilidade de parentes matrilineares — irmãs, mães e avós — facilita uma fonte especialmente confiável de assistência alomaterna. Não sendo propriamente uma colmeia mas muito mais valiosa do que uma aldeia, a família extensa de parentes matrilineares resulta ser um maravilhoso recurso para criar bebês humanos.

---

Imagine-se um lugar onde as rendas familiares são baixas e a fertilidade mais alta que em qualquer outro lugar do mundo. Muitos pais só residem esporadicamente com as mães de seus filhos; e, quando *estão* em cena, os pais podem ser imprevisíveis a respeito de quais os filhos em que investem e quanto. Um substancial número de mulheres concebem muito jovens, freqüentemente antes do casamento ou da formação de qualquer relacionamento estável. Mesmo com a assistência do pai, os pais podem não ter suficientes recursos para sustentar todos os filhos. Não existe qualquer espécie de assistência governamental para as mães com filhos dependentes. Tampouco existem instituições patrocinadas pelo governo para acolher os enjeitados, nem igrejas para aceitar oblatas — filhos dados como presentes à Igreja, uma prática comum na Europa medieval. No entanto, o aborto é incomum, e o infanticídio, ainda mais raro. Pondo de lado as catástrofes em tempo de guerra, as crianças nunca são claramente abandonadas. E apesar da raridade das mameiras, a prática de uma mãe alugar uma outra para dar de mamar ao seu bebê é desconhecida.

Esta descrição aplica-se a vastas áreas da África ao sul do Saara que a economista Ester Boserup caracterizou há anos como tendo “sistemas femininos” — com o que Boserup quis dizer que se apóiam na agricultura de enxada, na qual as mulheres são altamente valorizadas por sua mão-de-obra. É um modo tradicional de vida associado à herança materna de hortas e à existência de

sólidas redes de parentesco feminino.<sup>50</sup> Muitos africanos considerariam os milhares de mães européias que abandonaram seus bebês em asilos criaturas extraordinárias, agindo à margem dos padrões de comportamento humano. Em vez disso, entre eles é muito freqüente ouvir-se provérbios tradicionais como: “Se você tem um filho, você tem uma vida.”<sup>51</sup> Mesmo em face da rápida mudança em algumas áreas — incluindo os devastadores efeitos da AIDS, que começou abalando e desintegrando essas tradicionais redes, consagradas pelo tempo, de preocupação com as crianças — os aspectos fundamentais desse sistema permanecem intatos.

Na maior parte da África, filhos são apaixonadamente desejados por ambos os sexos, embora os pais queiram mais filhos do que as mães. Estas amamentam os bebês por longo período de tempo e, com variável sucesso, mantêm a interdição *postpartum* contra a prática sexual enquanto o filho corrente for considerado jovem demais para abrir caminho para um novo irmão. Isso faz parte da usual campanha materna para criar filhos viáveis, em face do desejo masculino de quantidade. Só quando os pais começam a investir mais em cada filho — a “contribuir com mais da parte que lhes toca”, como está acontecendo com a modernização — é que os maridos começam a entender a preocupação de suas mulheres em espaçar ou limitar os nascimentos.

Muitos antropólogos comentaram a respeito da resistência de homens africanos tradicionais a qualquer forma de controle de natalidade, especialmente a camisinha. Muitas mulheres que tomam a pílula devem fazê-lo em segredo. O interesse primordial dessas mulheres não parece ser a renúncia a ter filhos mas, antes, em criar maiores intervalos entre os partos (o que, em última análise, limita, é claro, o tamanho da família completa).

Os adultos gostam sinceramente de mimar os filhos pequenos. E por que não? Os filhos são considerados vínculos com os ancestrais, assim como ligações para o futuro num mundo de mudanças assombrosamente rápidas cujas idiosincrasias os jovens apreendem com maior facilidade do que os mais velhos. Os filhos adultos, especialmente aqueles que encontraram um nicho para si próprios na África moderna, oferecem o único seguro existente para a velhice. Até mesmo um pai distante, que raramente vê seus filhos — e relativamente poucos pais lhes oferecem muitos cuidados diretos — deriva deles prestígio e influência política. Os filhos adultos reconhecem a “enorme dívida” que têm com os que cuidaram deles quando crianças. Não se trata apenas de presentes de víveres e dinheiro dos pais, mas também da perspectiva de que seus antigos tutelados se sintam obrigados um dia a cuidar delas, o que faz com que mães adotivas se mostrem pressurosas em acolher crianças.

Tais mães adotivas — que podem ser parentes reais ou fictícias — já ultrapassaram a idade fértil e da-se a elas geralmente o apelido genérico de “vovós”. Em vastas áreas da África ocidental, oriental e meridional, as “vovós” fornecem

o exemplo na vida real que mais se aproxima da visão de Boswell de “amáveis estranhos” e filhos reciclados. As mães enviam rotineiramente um ou mais filhos para viver num lar adotivo, ou com uma dessas “vovós” ou entre prósperas famílias de suas relações que podem oferecer vantagens em escolaridade, melhor alimentação ou outras oportunidades. A mãe genética e o homem socialmente reconhecido como pai permanecem em contato e enviam presentes de víveres e dinheiro.

Mas o parentesco e os presentes não constituem a única razão para as “vovós” acolherem filhos adotivos. Como disse uma delas, “Nunca se sabe se as crianças não acabam por amar você mais do que suas próprias mães e assim lhe trazem suficiente benefício.” Um observador comentou mais filosoficamente que “as crianças são como jovens bambus; você não sabe qual dos rebentos será cortado e qual ficará” — nem como se comportará amanhã uma determinada criança.

Caroline Bledsoe, uma antropóloga que estudou o sistema de adoções entre o povo mende da África Ocidental, descreve o que acontece quando um filho particularmente empreendedor ou bafejado pela sorte prospera na vida. Numerosos parentes, incluindo pais desde há muito ausentes, aparecem para apresentar suas reivindicações. A lógica de loteria está explícita na mente do africano ocidental que lhe disse: “É bom criar ou preocupar-se com uma porção de crianças porque não se sabe qual delas terá êxito. Seja como for, uma delas *deve* ser bem-sucedida e você receberá dela a recompensa por seus gastos.”<sup>52</sup>

As pessoas entendem que as mães possam não querer filhos nascidos muito perto uns dos outros. Mas não querer um filho é incompreensível. Sérios desentendimentos ocorreram quando pais africanos ocidentais vivendo no estrangeiro quiseram aproveitar o que lhes pareceu serem oportunidades maravilhosas para criar os filhos com famílias ocidentais que poderiam oferecer-lhes melhor educação, mais elevado padrão de vida e contatos valiosos. Os ocidentais acreditaram equivocadamente que estavam adotando crianças rejeitadas pelos pais. Estes, porém, supuseram que seus filhos estavam sendo apenas temporariamente adotados e esperavam que eles lhes fossem devolvidos.

Os aldeões africanos ficam sinceramente chocados quando etnógrafos os interrogam a respeito de infanticídio. Deixa-os perplexos a mentalidade de caçadores e coletores em partes do mundo como a planície amazônica, onde os provérbios têm para eles um timbre muito diferente. Os africanos não podem imaginar ninguém dizendo, como alguns membros de tribos amazônicas, que “as crianças de peito não são preciosas para nós”.<sup>53</sup>

Uma história contada pela demógrafa Nancy Howell ilustra como as atitudes de sedentários horticultores africanos, entre os quais é fácil encontrar mães de criação disponíveis para tomar conta de bebês, diferem das de outros africa-



Fig. 14.7. No sistema africano ocidental de entrega dos filhos a mães de criação, a maioria dos bebês ficam com suas mães até depois do desmame. Entretanto, quando — como no caso desta “vovó” mende — a mãe adotiva fornece leite do peito e ao mesmo tempo cuida do bebê, dissipa-se a distinção entre a ama-de-leite européia e a “mãe de criação” africana ocidental. (Cortesia de Caroline Bledsoe)

nos que ainda vivem como caçadores e coletores nômades. Entre os nômades !Kung San, o número de bebês de que uma mulher pode cuidar é limitado pelo fato de que ela deve carregá-los para onde quer que vá. Um grupo de mulheres bantus deparou-se com uma mulher !Kung que tinha penetrado no mato

para dar à luz. A pobre mulher, ainda um pouco atordoada, acabara de se dar conta de que o seu bebê tinha nascido com um defeito, e sentiu ser seu dever abandonar o bebê o mais cedo possível. Mas as bantus, com sua ética muito diferente, persuadiram-na a ficar com ele.<sup>54</sup>

Entre os bantus, a experiência de uma mulher é muito diferente da de uma mãe !Kung. Um certo número de pessoas (em primeiro lugar parentes da mãe) cuida rotineiramente de cada criança. Seja qual for o momento escolhido, numa vasta área da África ocidental e meridional, até 40% das mães em idade fértil terão enviado crianças de peito já desmamadas, ou em processo de desmame, para viver com uma “vovó” ou ir para a casa de uma próspera família de suas relações. Em algumas áreas, a disponibilidade de uma avó materna está significativamente correlacionada com a sobrevivência da criança.<sup>55</sup>

Até mesmo um filho muito inoportuno é ainda assim desejado pelos pais, desde que outros estejam disponíveis para os ajudar a criá-lo. As mães jovens, ou aquelas que não estão casadas ou prevêem um apoio inadequado, são as que mais tendem a contar com uma “vovó”.<sup>56</sup> Estas pertencem à mesma classe da mãe que, entre os ayoreos, seria a mais propensa a cometer infanticídio, que na Europa setecentista abandonaria seus bebês numa roda de expostos, ou que em áreas empobrecidas do Brasil urbano optariam por não amamentar um bebê, ainda que isso signifique um risco muito maior de que ele morra.<sup>57</sup> Mães também enviam seus filhos para “vovós” se voltam a casar, ou se temem que as outras esposas possam fazer de seus filhos o alvo de ações maldosas.<sup>58</sup>

Entretanto, a generosidade das “vovós” tem seus limites. Quando os recursos são escassos, os filhos adotivos podem ser sumariamente recambiados — 395

sobretudo aqueles cujos pais mandam poucos presentes ou, na realidade, não são parentes. As crianças que manifestam poucas aptidões para vir a ser um daqueles “rebentos de bambu” que prosperarão e recompensarão quem os criou podem ser esquecidas, ou ter que se alimentar de sobejos, ou ter negados cuidados médicos por seus pais adotivos. Estranhos comentários, incompatíveis com a impressão idílica (e geralmente correta) de que toda a criança é uma criança desejada, são por vezes entreouvados. Os antropólogos Robert e Sarah LeVine, que trabalharam entre os gusii no Quênia, citam um aforismo digno de uma co-esposa dogon: “O filho de uma outra mulher é como mucosidade fria...” Como disseram os LeVines: “Numa sociedade que valoriza as crianças acima de tudo o mais, verificamos, não obstante, que algumas crianças são mais valorizadas do que outras.”<sup>59</sup>

Mesmo na África tradicional, os filhos marginalizados são passíveis de ser negligenciados. O crescimento populacional agravou essa situação, já que existem hoje muito mais crianças do que adultos. A AIDS epidêmica piorou ainda mais esse desequilíbrio. Não só essa terrível doença produz órfãos, mas o modo de transmissão aumenta as probabilidades de que famílias inteiras — pais, esposas, co-esposas — sejam afetadas. Já não existem “vovós” suficientes por perto. Em algumas áreas da África moderna, sobretudo naquelas cidades onde até um quarto de todas as mulheres grávidas são HIV-positivas, as redes de criação dos filhos estão se desintegrando, levando ao abandono em massa de órfãos.<sup>60</sup>

### O Contínuo de Compromisso Materno

As mães sempre tiveram que tirar o máximo proveito dos recursos ao seu alcance, ao mesmo tempo que enfrentam a diminuição de ajuda paterna e alop parental disponível. As mães realizam trocas compatíveis com a sua própria subsistência, com as necessidades de diferentes filhos e as suas próprias perspectivas reprodutivas futuras. Essas trocas são feitas num mundo de restrições e opções constantemente variáveis. Nas sociedades caçadoras e coletoras, por exemplo, as crianças de peito são muito mais dispendiosas do que as mais velhas, que, pelo menos, têm mobilidade. Não é esse o caso em nossa sociedade cada vez mais tecnológica, onde os custos para criar e educar um filho (por exemplo, as despesas com educação) sobem — não descem — com a idade da criança.<sup>61</sup>

Algumas mães encontram opções completamente novas — como leite materno para alugar no século XVIII, ou novas tecnologias obstétricas no século XX que permitem a mulheres dar à luz com 45 anos e mais. Uma mulher que protelava a reprodução no Pleistoceno estava provavelmente esperando o fim de um período de extrema escassez de alimentos ou na expectativa de uma situação com assistência alomaterna mais estável. No século XXI, mulheres

com carreira contarão com a amniocentese, a fertilização *in vitro* e os procedimentos que combinam o DNA em seus próprios óvulos com o material citoplásmico dos óvulos de uma mulher mais jovem para continuar reproduzindo além de seus principais anos reprodutivos. Tais técnicas reduzirão os riscos para uma mulher de protelar a reprodução (permitindo-lhe obter um desejado *status* profissional ou social antes de ter filhos), mas são passíveis de apresentar outros riscos ou trocas ainda desconhecidas.

Nenhuma criatura social, nem mesmo a mais independente das mulheres, toma tais decisões num vácuo. Além de leis, tecnologias e proteção dos riscos ambientais, existem hoje, tal como no passado, pessoas mais e menos poderosas do que a própria mãe que influem e dão forma às opções reprodutivas de que ela dispõe. Hoje, como no passado, as mães não vivem em qualquer tipo de combinação familiar. Nem existe qualquer nível de compromisso materno para com os bebês que seja típico da espécie. Sem dúvida, o contexto histórico tem grande importância. Mas interpretar a variação no modo como as mães respondem aos bebês como significando que, de algum modo, a biologia da mulher é irrelevante para as suas emoções, ou que não existem respostas maternas desenvolvidas e elaboradas, é ler mal a crônica humana e uma vasta soma de provas fornecidas por outros animais.

Ninguém sugere que as centenas de milhares de mães na Europa do século XVIII que enviaram bebês para as amas-de-leite, ou as mães que abandonaram seus filhos pequenos em rodas de expostos, eram a tripulação de todas as mães em todos os tempos. Num estado de emancipação ecológica, em que os custos de cuidar dos filhos afetam muito menos a saúde e o bem-estar da mãe, as mães podem dar-se ao luxo de amar cada um dos bebês que gerou. É especialmente provável que isso seja assim quando as mulheres têm o inestimável privilégio de planejar de modo consciente quando os nascimentos ocorrerão. Não obstante, as mães “antinaturais” aqui historiadas podem ser tão-somente a ponta visível de um *iceberg* de ambivalência materna que não deixou registro algum.

Essas nuances de emoções maternas e as muitas “pequenas decisões” que as mães assumem raramente são mensuráveis. Para cada mãe que abandona seu bebê, têm que existir milhares de outras mães que repudiam tão draconianos remédios mas, apesar disso, não se privam de cometer atos que reduzem a viabilidade infantil.

### Legado de Ambivalência

E o que significa esse grau de ambivalência para a noção de “instinto materno”? Na medida em que somos claros a respeito do que pretendemos dizer, não há razão para não usar *instintivo* com o intuito de descrever a adoração que as mães sentem por seus bebês. Como todas as fêmeas primatas, mulheres e meninas acham os bebês profundamente sedutores e atraentes. e a maioria 397

mostra-se ansiosa por tê-los nos braços e cuidar deles. Isso é especialmente provável que ocorra no caso de uma mãe recente, por causa das mudanças hormonais durante a gravidez e o parto que reduzem seu limiar para a formação de vínculos com um pequeno estranho especialmente atraente (em termos de seu cheiro e singular aparência); e tais vínculos fortalecem-se e intensificam-se durante a lactação. Virtualmente todas as fêmeas primatas, no caso de permanecerem muito perto de um bebê por bastante tempo, aprendem a reconhecer e a apegar-se a esse bebê.

Toda a reação da mãe humana a seu bebê é influenciada por uma combinação de reações biológicas de origem mamífera, primata e humana. Elas incluem a descarga endócrina durante a gravidez; as mudanças físicas (incluindo mudanças no cérebro) durante e após o parto; os complexos laços de realimentação da lactação; e os mecanismos cognitivos que estimulam a probabilidade de se reconhecer e aprender a preferir os que são do mesmo sangue. *Mas quase nenhuma dessas respostas biológicas é automática.* Para sobreviver ao tempo evolutivo, todos esses sistemas tiveram que passar pelo cadinho evolutivo tão bem resumido pela regra de Hamilton. De um modo ou de outro, quer a explicação esteja nos depósitos de gordura que influenciam a ativação dos ovários ou nos sinais indicativos de que o apoio social está para chegar, os custos prováveis e os benefícios potenciais são levados em conta. Nos humanos, cujos bebês são tão onerosos, e para quem o planejamento consciente (graças ao neocórtex) é um fator de peso, o investimento materno na progênie é complicado por uma série de considerações profundamente novas: expectativas culturais, papéis do gênero, sentimentos como honra ou vergonha, preferências sexuais e a percepção materno do futuro. Tais complexidades não apagam predisposições mais antigas para criar os filhos. Todos os sistemas nesta desordenada combinação são minuciosamente examinados de acordo com custos, benefícios e relação genética com o beneficiário infantil dos atos de altruísmo materno. Mas nada disso garante a perfeita sincronia entre os sistemas. Não deveríamos ficar surpresos por surgirem motivações conflitantes nos níveis consciente e inconsciente, em emoções maternas ambivalentes que a psicanalista Rozsika Parker resume como uma sensação de “despedaçamento”.<sup>62</sup>

Estamos ainda longe de entender como receptores geneticamente influenciados no cérebro, limiares para responder a diferentes sinais químicos, níveis de hormônios e sentimentos de ansiedade ou satisfação interagem para produzir a miríade de “decisões” que afetam continuamente o compromisso materno. Entretanto, este fato subsiste: os bebês humanos são tão vulneráveis e dependentes por tanto tempo, que o nível de compromisso com eles pelos parentes mais chegados, presentes no nascimento, destacados para cuidar deles e no aleitamento, é o componente mais importante do bem-estar infantil.

Ao longo de toda a evolução humana, a mãe tem sido o nicho do seu bebê. As circunstâncias físicas e sociais afetam o bebê tanto quanto a afetam. Se um bebê ingere ou não colostro, é amamentado por cinco meses ou cinco anos, se a mãe conserva seu bebê junto dela ou o entrega a uma alomãe, cada alternativa representa uma decisão materna com implicações para a sobrevivência da criança. Demográfica e estatisticamente, múltiplas, pequenas decisões maternas sobre quanto investir, e por quanto tempo, em qualquer bebê, contribuem para os resultados de vida-ou-morte para a progênie humana.

Outros símios recém-nascidos aferram-se à vida agarrando-se ao pêlo da mãe. Para os bebês humanos a sobrevivência é mais complicada. Não existe risco ambiental mais onipresente ou imediato em seu impacto do que uma supressão dos cuidados maternos. As conseqüências de “pequenas decisões maternas” são muito mais perigosas em alguns habitats do que em outros. A manutenção do compromisso materno foi outrora tão importante para a sobrevivência de um bebê quanto o oxigênio e, com freqüência, ainda é. Entretanto, há muito pouco nas rotineiras descrições etnográficas ou históricas de mães que sugira ter sido um problema a manutenção de um adequado compromisso materno. Deve-se isso ao fato de que não era? Ou é, como acredito, porque uma visão idealizada do compromisso materno foi aceita como incontestável, e porque decisões que levam a pequenas supressões passam tão despercebidas?

Quando os intervalos entre nascimentos foram ficando mais curtos ao longo da evolução humana e da recente história humana, a pressão sobre as mães para que entregassem a outros a tarefa de tomar conta de seus filhos tornou-se ainda mais intensa. Sempre que puderam fazê-lo sem riscos, ou quando não lhes restava outra alternativa, as mães entregavam bebês aos pais ou a substitutos parentais, desmamavam-nos mais cedo ou enfaixavam-nos e penduravam-nos em portas. No nível psicológico, essas decisões diferem pouco das que uma mãe contemporânea toma quotidianamente quando pede a uma vizinha para tomar conta do seu bebê ou contrata os serviços mais ou menos adequados de uma creche diurna. Ela está ponderando vantagens e desvantagens, e avaliando suas prioridades. Por isso fico perplexa quando ouço políticos contemporâneos lamentarem “o colapso da família” no mundo moderno. Um recente editorial no *Wall Street Journal* lamentou que “a depreciação do casamento — a famosa ‘família nuclear’ — foi o maior fracasso do feminismo” [deixando em sua esteira] “um legado de filhos sem pais e de mulheres sem maridos...”<sup>63</sup> Embora seja encorajador saber que os editores do *Wall Street Journal* estão preocupados com a gravidez adolescente e as crianças que crescem em lares sem pai, é uma lógica defeituosa condenar o feminismo por problemas sociais que são tão velhos quanto o conflito de interesses entre homens e mulheres, e provavelmente muito mais antigos.

Pais hominídeos estiveram escolhendo entre investir nos filhos que já têm ou encontrar novas parceiras com quem produzir mais enquanto houver uma divisão do trabalho entre caçadores e coletoras, e uma prática dos machos hominídeos repartirem o alimento com os imaturos. Em âmbito mundial, essas tensões têm muito mais a ver com o predomínio de lares chefiados por mulheres do que com qualquer possibilidade de influência feminista. Aproximadamente, de um terço a metade de todos os lares no mundo são encabeçados por mulheres, a maior parte deles em países pobres demais para terem sido afetados por um movimento social que tem menos de dois séculos de idade e que, por enquanto, constitui primordialmente um luxo ao alcance apenas de mulheres ocidentais educadas.<sup>64</sup>

Durante milênios, as mães inseriram em suas decisões a informação sobre os efeitos que um determinado nascimento teria sobre os filhos mais velhos; sobre a provável reação do pai ou padrasto; sobre as perspectivas de sobrevivência do próprio bebê; e sobre a perspectiva de tradução de seus esforços para subsequente sucesso reprodutivo. Ao contrário de outros primatas, as mulheres possuem a capacidade de prever resultados. Nascer de uma mãe sábia e previdente teria toda a aparência de ser para a maioria das pessoas um evento afortunado. Mas seria uma bênção que traria consigo alguns riscos peculiares.

É por isso que o bebê humano, embora nasça especialmente indefeso, teve que tornar-se psicologicamente refinado em áreas especializadas, ajustando-se à tarefa de avaliar e extrair compromissos daqueles que o cercam, em especial a mãe. A infância inclui o primeiro e perigoso gargalo por que tem de passar todo o contribuinte para o *pool* genético humano. Pequenos ajustes para baixo nas prioridades maternas a respeito de um determinado bebê, ajustes esses que equivalem cumulativamente a decisões de vida-ou-morte, tiveram um enorme impacto no rumo da evolução humana. O próprio grau de compromisso materno era uma pressão seletiva incidindo sobre cada recém-nascido. Quais foram, então, as conseqüências evolutivas sobre os corpos, mentes e temperamentos de bebês humanos?